

Melhoria do ensino depende apenas da disposição política do Governo

Mais do que da benevolência divina, para os examinadores da banca do Vestibular Unificado-87, a reversão desse quadro de incapacidade de reflexão dos candidatos depende de apenas um fator: vontade política do Governo de reformular um sistema de ensino falido, em que as normas se sobrepõem autoritariamente aos conteúdos. E essa reformulação, na opinião desses professores, não se restringe apenas ao ensino da língua materna: abrange todas as disciplinas e o próprio conceito do papel da escola.

— O que constatamos nessas redações nada mais é do que o resultado de onze anos de ensino básico sem reflexão. Os alunos não estão sendo exercitados nessa função básica do pensamento e isto não é atribuição apenas do professor de Português, mas de todos os profissionais do magistério. Por outro lado, o ensino da língua no Primeiro e no Segundo Graus contribui muito pouco para que os estudantes tenham uma linguagem própria: ele é altamente autoritário, inibidor e castrador — disse o professor Carlos Eduardo Uchôa.

Esse autoritarismo, segundo Uchôa, revela-se na preocupação de que os alunos dominem um código rigoroso de normas de bem escrever — sem considerar o discurso que eles já têm — e também na ênfase dada à classificação gramatical que leva os estudantes a memorizarem os conceitos de adjetivo, substantivo e advérbio, sem saber reconhecê-los ou aplicá-los em um texto. Para o professor Jayro Xavier, esse processo de ensino castrador nada mais é do que um reflexo da estruturação da própria sociedade brasileira:

— E em uma sociedade autori-

tária como a nossa, eu realmente não sei se cabe dar à escola o seu papel primordial: o de ser o espaço de reflexão, através da linguagem, sobre o próprio sistema.

Ao lado disso, há a questão da formação do professor de Português, que, segundo Xavier, além de estar defasada da realidade, conta com uma clientela proveniente dos meios sócio-econômicos mais carentes da população: as camadas que apresentam um desempenho linguístico pobre, que se caracterizam pelo não questionamento do sistema e que no seu curso de formação universitária não encontram uma estrutura que as leve a pensar.

— Isso, somado à baixa remuneração do magistério e às condições precárias que esse professor tem para trabalhar, constitui um bola de neve, em que o próprio profissional passa a ser um reprodutor de clichês em vez de um incitador de reflexão — disse Jayro Xavier.

A professora Themis Marques de Moraes vai mais longe, afirmando que a bola de neve começa a rolar ainda na primeira série do Primeiro Grau, quando, com turmas superpopulosas, o professor não encontra meios de desenvolver uma prática contínua de leitura e escrita com seus alunos.

— Como corrigir, comentar e discutir 50 redações por semana? — pergunta ela.

Themis Marques de Moraes afirma que a primeira medida concreta para melhorar o ensino da língua seria reduzir as turmas para 25 alunos:

— Enquanto isso não for feito, não sairemos de onde estamos: um sistema de ensino em que o aluno não lê e não escreve.